

5 f h] [c g

O milagre do sol é uma prova contundente da autenticidade das aparições de Fátima.

O Cônego Manuel Nunes Formigão, primeiro eclesiástico a investigar os fatos ocorridos em Fátima no ano de 1917, interrogou numerosas pessoas bem-conceituadas da região sobre a possibilidade de esses acontecimentos serem uma farsa, fruto da imaginação dos juvenis videntes. Entretanto, todas as respostas, com pequenas variações, foram categóricas.

Analogamente, o Relatório da Comissão Canônica Diocesana sobre os acontecimentos de Fátima atesta: “Não se pode duvidar da sinceridade das crianças. Afinal, como podiam desempenhar uma comédia [três crianças](#) simples e ignorantes, uma de dez anos de idade, outra de nove e outra de seis?”¹

“Em outubro farei o milagre”

Todavia, Lúcia sentia a necessidade de proporcionar para os seus conterrâneos uma prova irrefutável da veracidade das aparições. Por isso, no dia 13 de julho de 1917, suplicou à bela Senhora: “Queria pedir-Lhe para nos dizer quem é; e para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece”.² E a celestial Dama, em seguida, respondeu-lhe: “Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro direi quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar”.

No mês seguinte, face aos insistentes pedidos de Lúcia, a Virgem repetiu sua promessa: “No último mês farei o milagre, para que todos acreditem”. Igualmente, na quinta aparição Nossa Senhora reafirmou-a usando quase as mesmas palavras.

“Não ofendam mais a Nosso Senhor”

Chegou por fim o dia esperado. Assim, naquela fria manhã de outono uma chuva persistente transformara num lodaçal o vasto terreno da Cova da Iria, onde se comprimia uma multidão calculada entre

cinquenta e setenta mil pessoas provenientes de todos os rincões de Portugal.

Levada por um movimento interior, Ir. Lúcia pediu que todos fechassem os guarda-chuvas e rezassem o Terço. Em seguida, os três pastorinhos viram sobre a carrasqueira a Virgem Santíssima.

À costumeira pergunta de Lúcia: “Que é que Vossemecê me quer?”, respondeu Ela: “Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o [Terço](#) todos os dias”.

Logo após, transmitiu-Lhe Lúcia pedidos para curar alguns enfermos e converter alguns pecadores. “Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão de seus pecados”, respondeu a Senhora. Por fim, acrescentou: “Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido”.

Opera-se o milagre anunciado

Em seguida, a Virgem elevou-Se ao Céu e desapareceu da vista dos pastorinhos, numa luz que Ela mesma irradiava.

Sucederam-se então novas visões, começando por três quadros que simbolizavam os Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos do Rosário. Surpreendentemente, junto ao sol apareceu a Sagrada Família: São José, com o Menino Jesus nos braços, e [Nossa Senhora do Rosário](#). Logo depois, viram o Divino Redentor transido de sofrimentos, acompanhado por Nossa Senhora das Dores. Por fim apareceu-lhes [Nossa Senhora do Carmo](#), coroada como Rainha do Universo e tendo ao colo o Menino Jesus.



Uma das fotografias tiradas durante o milagre e publicadas pela imprensa

Enquanto as três crianças contemplavam as celestiais personagens, operou-se ante a multidão o milagre anunciado. “Olhem para o sol!”,³ gritara Lúcia, no final de seu colóquio com Nossa Senhora. Então, entreabriram-se as nuvens e surgiu o sol como um imenso disco de prata. Fato notável: todos podiam fitá-lo sem ferir a vista. Subitamente, pôs-se ele a “bailar”, girando com assombrosa celeridade como uma roda de fogo; em seguida, tremeu espantosamente e, num descomunal zigue-zague, precipitou-se sobre a multidão.

Um imenso grito escapou do povo ali reunido. Assim, todos caíram de joelhos na lama, julgando que seriam consumidos pelo fogo. De tal sorte que, muitos rezavam em voz alta o ato de contrição. Logo depois, porém, o sol foi se elevando pouco a pouco, até retornar ao ponto do horizonte de onde havia descido. Por fim, já não se podia fixar nele os olhos.

Testemunhos insuspeitos

O fato de quase setenta mil pessoas terem presenciado o milagre, algumas das quais localizadas a quarenta quilômetros da Cova da Iria, torna inválida qualquer tentativa de atribuí-lo a uma sugestão coletiva.

5 f h] [c g

Entretanto, pode-se considerar que o mais valioso testemunho sobre o milagre do sol tenha sido um artigo publicado dois dias após o evento no grande diário anticlerical português O Século. Conforme se sabe, seu editor chefe, Avelino de Almeida, nada tinha de católico; de tal forma que, nesse mesmo dia 13, havia ele escrito um artigo irônico zombando das manifestações de religiosidade no local das aparições.

Esse cético que foi à Cova da Iria apenas por dever profissional assim descreveu o fenômeno do qual foi testemunha ocular: “E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora prenunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro rei – disco de prata fosca – em pleno zênite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar”.⁴

Ao encontro desse testemunho vem outro de um dos mais ilustres eruditos dentre os que lá se encontravam, professor na Faculdade de Ciências de Coimbra: “Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse. [...] Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada”.⁵

“Voltarei uma sétima vez”

Terminados os prodígios, que duraram cerca de dez minutos, todos se entreolharam perturbados, mas logo houve uma explosão de alegria: “Milagre! As crianças tinham razão!”⁶ Gritos de entusiasmo retumbavam nas colinas adjacentes; muitas pessoas notaram que suas roupas, empapadas pela chuva que caíra durante todo o tempo que precedera o sinal de Nossa Senhora, secaram-se completamente. Enfim, estava encerrado o ciclo das seis [aparições de Fátima](#).

(#)

5 f h] [c g

Encerrado... pelo momento, pois as palavras pronunciadas por Nossa Senhora na primeira aparição, em 13 de maio, deixam uma misteriosa interrogação ainda sem ser resolvida: “Voltarei ainda aqui uma sétima vez”.

(Texto adaptado de Pe. Fernando Néstor Gioia Otero, EP , Revista Arautos do Evangelho, Outubro/2019, n. 214, pp. 38-39)

1 DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA. Doc. 120, 1930-04-13. Relatório da Comissão Canônica Diocesana sobre os acontecimentos de Fátima. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p.431.

2 IRMÃ LÚCIA. Memórias I. Quarta Memória, c.II, n.5. 13.ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007, p.176. As próximas frases do diálogo da Ir. Lúcia com Nossa Senhora, citadas entre aspas neste artigo, foram tiradas da mesma obra.

3 CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará! São Paulo: Lumen Sapientiae, 2017, p.77.

4 ALMEIDA, Avelino de. O milagre de Fátima. In: Ilustração Portuguesa. Lisboa. Série II. N.610 (29 out., 1917); p.356.

5 VISCONDE DE MONTELLO. Os episódios maravilhosos de Fátima. Guarda: Veritas, 1921, p.23.

6 CLÁ DIAS, op. cit., p.80.

)#)